

Norval Baitello Junior: da iconofagia à ecologia da comunicação – as imagens e o corpo na comunicação e na cultura

Norval Baitello Junior: From Iconophagia to Ecology of Communication – the Images and the body in communication and culture

Entrevista com NORVAL BAITELLO JUNIOR^a
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP, Brasil

Por LEÃO SERVA^b
Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo – SP, Brasil

Por LUCIANO GUIMARÃES^c
Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, Brasil

O PROFESSOR NORVAL BAITELLO JUNIOR, doutor pela Universidade Livre de Berlim, tem sido há mais de três décadas referência nas ciências da comunicação, ciências da cultura e teorias da mídia, com centralidade em temas como a imagem e o corpo na comunicação. As reflexões, os conceitos e as proposições teóricas derivadas de seus estudos podem ser considerados como teorias que proporcionam um necessário arejamento para a área da comunicação. Tal arejamento não se dá somente pelo trabalho dedicado de pensar esses dois temas e relacioná-los de forma inovadora, mas também por promover uma verdadeira arqueologia de conceitos, revivificando-os para atender a demanda por compreender a comunicação contemporânea e seus efeitos. Por isso, o professor tem se voltado com ênfase para uma ecologia da comunicação.

Podemos também considerar que, desde o início de seu trajeto como estudioso e teórico, Baitello tem contribuído para os estudos da comunicação no Brasil, apresentando autores pouco estudados por aqui, tendo criado diálogos frequentes com muitos deles em centros como Berlim, Viena e Japão, e promovendo eventos e cursos em que ele proporcionou o acesso direto no Brasil a importantes teóricos das ciências da comunicação, ciências da cultura ou antropologia da imagem, como Harry Pross, Ivan Bystrina, Hans Belting, Gunter Gebauer, Christoph Wulf, Dietmar Kamper, Ryuta Imafuku, entre outros. Não podemos deixar de ressaltar, o que está evidenciado também nesta conversa que teve com **MATRIZES**, que Norval Baitello Junior faz emergir continuamente os projetos como os de Aby Warburg e de Vilém Flusser, revelando a importância de mantê-los hoje na mira dos estudos sobre comunicação.

^aDoutor em Comunicação pela Universidade Livre de Berlim. Professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7814-7633>. E-mail: norvalbaitello@pucsp.br

^bDoutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor na Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo. Diretor de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0530-2481>. E-mail: leao.serva@espm.br

^cDoutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7302-3201>. E-mail: lucianoguimaraes@usp.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i2p123-133>

O professor nos recebeu para esta entrevista com a mesma generosidade com que tem criado espaços e estruturas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) para compartilhar conhecimentos com toda a comunidade acadêmica, como o Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC), em 1992, os cursos de comunicação e artes do corpo e comunicação e multimeios, criados em 1999 quando foi diretor da Faculdade de Comunicação e Letras da PUC-SP, e o Arquivo Vilém Flusser São Paulo, aberto em 2016.

MATRIZES: Seu livro *A era da iconofagia* (2014), também publicado na Espanha, trouxe para o debate sobre a mídia uma abordagem nova. De que forma o conceito de iconofagia dialoga com o tema do corpo que você traz para a reflexão da comunicação?

Norval Baitello Junior: Iconofagia significa: corpos devoram imagens. Vivemos em uma época de proliferação desenfreada e, conseqüentemente, grande consumo de imagens. Os números dessa produção são hoje astronômicos, graças às novas tecnologias de produção e distribuição de imagens (sobretudo visuais, mas não apenas). Basta olharmos para o número de postagens de imagens e mensagens nas redes sociais e nos depósitos de imagens nos dispositivos e nas memórias gigantescas denominadas “nuvens”. Evidentemente, essa tendência ascendente não começa no século XX, mas no Renascimento e no surgimento de técnicas de reprodução mecânica de palavras e imagens. Mas atinge hoje proporções inimagináveis. Isso interfere diretamente em nossa percepção de nós mesmos, quem somos, como somos, como agimos. Consumir significa incorporar. Se consumimos imagens (e isso o fazemos desde o CroMagnon em proporções infinitamente menores), desenvolvemos um novo tipo de metabolismo que interfere em nossa existência, um metabolismo cultural. E com ele também uma dependência.

A partir daí a iconofagia passa a ser reversa: as imagens é que devoram as pessoas. Elas ditam padrões de corpos, forma, peso, traços fisionômicos, altura, postura, cor de pele. Elas exercem uma enorme coerção sobre a vida, gerando até mesmo problemas graves de saúde, estudados hoje na área médica como “distúrbios de imagem corporal”. Por isso é importante entendermos hoje mais a fundo o impacto das imagens sobre a vida.

O tema do corpo é, portanto, fundamental para as ciências da comunicação. Ele é o nosso ponto de partida e de chegada. Ele não é um meio ou uma mídia, é começo e fim de toda sociabilidade.

MATRIZES: Essa é uma contribuição que você tem trazido há mais de três décadas. Quais são as raízes desse pensamento?

NBJ: A principal raiz é a Teoria da Mídia, inaugurada no início dos anos 1970 em Berlim por Harry Pross, jornalista, cientista político e psicólogo. Pross foi aluno de Alfred Weber, da área de Sociologia da Cultura, e do médico Viktor von Weizsäcker, proponente dos princípios da Psicossomática. Ao trazer tal legado para as ciências da comunicação, anuncia alguns dos princípios de uma Teoria da Mídia. Como fundamento: “Toda comunicação começa no corpo e termina no corpo”. Com base nisso, define três graus de mediação: meios primários (que não requerem recursos além do próprio corpo para que haja comunicação); meios secundários (que requerem o uso de um suporte para transmitir mensagens entre dois corpos); meios terciários (que necessitam aparatos de transmissão e de recepção para criar mediações entre corpos).

A partir dessa base, tenho procurado aprofundar alguns conceitos, a começar por Jakob von Uexküll, que trouxe o conceito de *Umwelt* (ambiente) para a biologia. Depois, a contribuição da Etologia, de Konrad Lorenz, e da Etologia Humana, com Irenäus Eibl-Eibesfeldt. São autores que nunca foram estudados dentro da área de comunicação e que, no entanto, pesquisaram fundamentos da comunicação. Hoje, dentro da primatologia, há exemplos notáveis, com as pesquisas de Diane Fossey e Jane Goodall e, mais recentemente, Frans De Waal. Os grandes símios nos ensinam sobre a arqueologia dos ambientes sociais da comunicação lá em sua origem mais remota.

Com base nessas pesquisas, tenho buscado estudar a filogênese da comunicação humana, por um lado, estabelecendo paralelos entre outras espécies, sua sociabilidade e suas relações, mais hedônicas ou agonísticas, e a comunicação humana como campo de tensão igualmente agonístico ou hedônico. Não apenas as manifestações de agressão devem ser consideradas, mas também a pacificação de conflitos e a construção da paz, a empatia e a percepção do outro. E, por outro lado, desponta a necessidade de se compreender melhor também a ontogênese da comunicação humana, os desenvolvimentos da sociabilidade desde o nascimento até o fim da vida. A comunicação de um recém-nascido ou de um idoso com Alzheimer, a comunicação de jovens moradores de favelas, à margem das suntuosidades urbanas, há uma comunicação possível com pacientes em coma? Tais objetos vêm desafiando nossa jovem ciência da comunicação e requerem, evidentemente, trabalho interdisciplinar e coletivo. O Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC) foi palco para muitas dessas pesquisas. Fundado há 30 anos, ofereceu o espaço para muitos eventos nacionais e internacionais, com apoio de inúmeras instituições culturais, estimulando o desenvolvimento de uma ampla gama de pesquisas mencionadas acima.

MATRIZES: Quanto a esse alargamento do campo de pesquisa e da área da comunicação, como você vê a aceitação desses estudos, nos grandes fóruns de comunicação ou pela área, enquanto organização acadêmica?

NBJ: O desenvolvimento da ciência é feito também das resistências. Houve no primeiro momento uma resistência maior a temas como, por exemplo, comunicação do corpo, essa resistência vem sendo vencida pelos fatos. Já há muitos trabalhos sendo feitos no mundo todo, sobretudo em alguns centros da Europa e da Ásia, com esse enfoque mais antropológico e ecológico dentro não só da comunicação, mas das ciências da cultura de um modo geral. As ciências da comunicação não são somente ciências sociais, são também ciências da cultura, pois lidamos com o imaginário, com a *segunda natureza do homem*, segundo a expressão do Edgar Morin, ou *segunda realidade*, segundo o tcheco Ivan Bystřina. Então sempre há resistência, assim como houve resistência à própria Teoria da Relatividade, ao princípio da indeterminação, às descobertas de Darwin.

A tendência é que a ciência tem que se expandir e está se expandindo assim como a ciência da comunicação também está. Muitos desses temas foram trazidos por mestrands e doutorandos, com problemas reais para solucionar na sua vida prática e na vida profissional. Muitas das inovações surgem (essa foi minha experiência ao longo de nove anos na Coordenação de Área da Fapesp) até mesmo a partir de projetos de iniciação científica, que nos surpreendem com sua coragem de olhar fatos novos e por ângulos antes impensáveis.

MATRIZES: A ciência da comunicação está mais aberta hoje do que já foi? Há também um olhar crítico para o conhecimento produzido no passado visando reavaliar contribuições esquecidas?

NBJ: Está mais aberta hoje do que já foi e vai se abrir ainda mais. Por exemplo, a aceitação de Aby Warburg como uma referência necessária dentro da ciência da comunicação não encontra resistência e Aby Warburg (1866-1929) foi um pioneiro. Ele desenvolveu uma biblioteca da ciência da cultura embasada em sua Teoria da Cultura muito peculiar e que ficou esquecida por meio século. Warburg foi um pesquisador da imagem, compreendeu como ninguém que uma imagem não é apenas um objeto estético atemporal e inerte. Ela possui um lastro histórico e um potencial para gerar ambientes, criar impactos, despertar “paixões” (ele dizia que uma imagem é uma fórmula de “pathos”). Isso nos oferece uma pista importante para os estudos do dilúvio de imagens que constitui a mídia terciária (aquela que requer o uso de aparatos elétricos ou eletrônicos em suas duas pontas) em suas manifestações mais atuais (redes sociais, web, aplicativos etc.), mas já nos ajuda a estudar também outros ambientes de imagens como o cinema, a televisão, a fotografia.

MATRIZES: Em muitos momentos você aborda questões específicas acerca de imagens quando trata de comunicação ou de mídia. Como você relaciona Teoria da Comunicação e Teoria da Imagem? Você as separa como vertentes ou as trata como uma combinação quando desenvolve sua própria abordagem?

NBJ: A Teoria da Imagem é uma parte da Teoria da Mídia. Lidamos o tempo todo com imagens táteis, imagens olfativas, proprioceptivas, gustativas, imagens auditivas e imagens visuais. E por isso uma teoria da imagem trabalhará com todas essas imagens, buscando compreender a dinâmica dos ambientes criados por essas imagens. Há imagens táteis para cegos, por exemplo. As teses e pesquisas feitas sobre a comunicação dos deficientes auditivos e visuais têm se desenvolvido significativamente. No entanto, é inegável que a imagem visual é hegemônica na nossa civilização mundial. Por um motivo muito simples: nós somos primatas que têm na visão o seu principal sentido de alerta. É pelos olhos que entra o primeiro medo que está a distância. Portanto, vamos considerar a visão um sentido fóbico, por princípio.

Por outro lado, temos a consciência de que vivemos hoje em uma era da mídia, que sucedeu a era da arte (desde o Renascimento) e que sucedeu a era do culto (Idade Média). São grandes ambientes da cultura humana ocidental. A era da mídia trouxe uma explosão das imagens que se tornam onipresentes, em todos os lugares, públicos ou privados, em nossas casas, em nossa roupa, em nossos bolsos, em nossa pele. A era da mídia criou um ambiente de capilaridade universal para as imagens visuais. E é importante dizer que muitos outros pensadores contribuíram para a atual Teoria da Mídia: Dietmar Kamper, Hans Belting, Vilém Flusser e Vicente Romano. Todos eles nos ajudam a entender a mídia (e as imagens) como codeterminantes de uma ecologia planetária.

MATRIZES: Um recurso da comunicação mediática é explorar o medo. Qual é o papel do medo? Como lidar com as imagens como “o medo do comunismo”, “o medo dos judeus” etc.?

NBJ: O medo é constitutivo da vida. Lembro a frase de Federico Fellini que dizia “Sai omo senza paura mi sembra che sai uno stupido”, “um homem sem medo me parece que seja um estúpido”. Então o medo, claro, é defesa da própria vida, da vida animal, todo animal tem medo, medo é estratégia de sobrevivência. Mas não é apenas a nossa época que joga com esse medo para impulsionar e apresentar imagens e palavras, ideias e sistemas de crenças. Warburg escreveu sobre a disseminação de imagens astrológicas e monstrológicas ameaçadoras no tempo de Lutero como estratégia propagandística contra e a favor da Reforma. O que vemos hoje não é diferente: colocar o medo no alto falante é um recurso de mobilização do outro. O próprio Orson Welles com um programa de rádio

a partir do romance *A guerra dos mundos* de H. G. Wells mostrou o poder disso ao colocar uma cidade em pânico. Isso continua sendo usado hoje e deveria ser o papel da mídia esclarecida desmontar esses mecanismos. É importante o papel da comunicação, de uma ciência da comunicação, também ensinar a desmontar esses mecanismos de medo fantasioso.

MATRIZES: Você também tem se dedicado ao estudo dos ambientes de forte polarização cultural e política que Warburg analisou em seu famoso ensaio sobre “Profecia da antiguidade pagã em palavra e imagem nos tempos de Lutero”, publicado em 1920? Ocorreu algo semelhante na Primeira Guerra Mundial, o seu tempo? Estaríamos vivendo agora um momento parecido?

NBJ: É assustador e nos tira o fôlego perceber como nós humanos repetimos padrões culturais arcaicos, às vezes mesmo primitivos. Naquele momento da Reforma Protestante e do Renascimento, afirma-se que houve uma grande revolução no pensamento ocidental, um avanço daquilo que costumamos chamar de racionalidade. Warburg estudou muito esse assunto e ressaltou que, ao lado dessa racionalidade, havia também uma irracionalidade arraigada. Em sua análise das imagens e das palavras usadas em panfletos a favor e contra a Reforma, ele reconstrói esse embate que usava dados falseados para espalhar o pavor na população. Ele cria uma palavra para designar o discernimento racional: *Denkraum* (ambiente do pensamento ou espaço do pensamento). E verifica que há um avanço no espaço do pensamento que se choca com o espaço da crença, da superstição e da irracionalidade humana geral. Isso aconteceu também no seu tempo de vida, durante a Primeira Guerra Mundial, a racionalidade científica não foi suficiente para deter a irracionalidade de uma guerra que matou um número absurdo de seres humanos e de seus principais auxiliares, os cavalos. Há pesquisas e dados sobre esse assunto, de que o cavalo era fator da produção, como a produção agrícola, necessária para a alimentação da população, e que foram usados doze milhões de cavalos na guerra, sendo que seis milhões morreram. Isso foi também tratado por um warburguiano, Ulrich Raulff, na belíssima obra *Farewell to the horse* (2018) (*A despedida do cavalo*). Warburg não só estudou, como colecionou fotos e recortes de jornais sobre essa irracionalidade e adoeceu possivelmente em virtude daquele momento histórico tóxico.

O que nós vemos hoje é similar: um choque entre o espaço da racionalidade (o espaço do pensamento, o *Denkraum*) e o crescimento da irracionalidade, hoje difundida até mesmo pelos meios eletrônicos, gerando fenômenos como o Brexit, como Trump, como os retrocessos na legislação norte-americana sobre temas como aborto e liberação de armas. A mesma irracionalidade se manifestou também no Brasil nos últimos anos, no desmonte do investimento em ciência

e em educação, na destruição do patrimônio florestal, no ataque mortal contra o patrimônio da diversidade étnica e cultural, na liberação do uso de pesticidas e venenos, no falseamento de notícias, na propagação de pavores infundados.

MATRIZES: Por falar em veneno, você esteve recentemente no Warburg Institute em Londres, pesquisando um aspecto muito específico da obra de Warburg, o seu “armário do veneno”, tema inédito nas pesquisas warburgianas. Como você chegou lá? E que resultados obteve?

NBJ: Warburg tinha uma seção em sua biblioteca que denominava “armário do veneno” (*Giftschrank*). Era uma seção de livros e pensadores que ele considerava venenosos, ou seja, difundidores de irracionalidades, de credídes, de teorias e propostas daninhas. Na mudança da biblioteca para Londres, em 1933, não se manteve essa rubrica explícita (ou provavelmente nem havia essa rubrica e ele só apresentava “aqui é meu armário do veneno”). Apenas o depoimento escrito de um jovem estudante, Carl Georg Heise, que recebia uma orientação informal do mestre, testemunha com ênfase a existência de tal setor de obras tóxicas. Ninguém mais estudou e nem mencionou, não existe uma região geograficamente delimitada na biblioteca. Nem mesmo Ernst Gombrich, que escreveu a biografia de Warburg, a mencionou.

Apenas a mais recente biografia, excelente trabalho de Marie-Anne Lescourret (2015), dedica algumas linhas ao assunto, apoiada em Carl Georg Heise (2005), nas suas *Recordações pessoais de Aby Warburg*. Com apoio da Fapesp e do CNPq, fui pesquisar nos incríveis fichários (*Zettelkästen*) reunidos por Warburg por toda a sua vida, na sua correspondência e na própria biblioteca, encontrando referências seguras de que de fato havia tal seção. Estou agora preparando um livro, *Os venenos de Warburg*, com as reflexões, as descobertas e algumas hipóteses sobre o que seria para o Warburg um ambiente tóxico da cultura. Como estamos vivendo hoje em uma época de ambientes muito tóxicos no mundo, acho que pode ser uma contribuição interessante o que Warburg construiu com seu pequeno “armário do veneno”.

MATRIZES: Você chegou a conhecer algum conteúdo específico dos venenos ali constantes?

NBJ: Talvez o veneno mais eloquente que estava lá era a obra do Conde Joseph Arthur de Gobineau. Coincidentemente, Gobineau fora embaixador da França no Brasil, sob D. Pedro II, durante um ano. Nessa condição, virou amigo do imperador e tentou convencê-lo de que o Brasil nunca daria certo enquanto não branqueasse sua população. Correspondeu-se até o fim da vida com Pedro II. E quando voltou à França publicou o seu *Tratado sobre a desigualdade*

das raças humanas, que teve grande repercussão na Alemanha no século XIX e início do XX. Gobineau estava lá na estante do veneno. Mas havia outros venenos explícitos que estou expondo melhor no livro.

MATRIZES: Vamos conversar um pouco sobre o Arquivo Flusser e suas pesquisas mais recentes sobre o pensamento desse autor?

NBJ: Recebi um convite da viúva, Edith Flusser, para trazer o arquivo para o Brasil. Com o apoio da Fapesp e do Instituto Goethe, digitalizamos em 2012-2013 todo o acervo, com os documentos que corriam o risco de se perder na Alemanha, compreendendo 35 mil páginas. Construímos, em parceria com a Universidade das Artes de Berlim, um arquivo-espelho. Tudo o que está lá também está aqui e vice-versa, incluindo novos achados e novos materiais que venha a ser coletados.

Os documentos impressos estão hoje na PUC do Ipiranga, mas já totalmente online. O Arquivo Vilém Flusser São Paulo traz imensas surpresas e a pesquisa que vem sendo feita hoje em dia por muitos alunos, mestrands e doutorandos, partindo sobretudo da correspondência dele, tem nos mostrado um pensador muito mais complexo do que aquele que escreveu sobre a fotografia. Embora a própria *Filosofia da Fotografia* – ou aqui *Filosofia da Caixa Preta* (2018) – já trate de ambientes (em antecipação a uma ecologia da cultura), vemos em sua correspondência algo inclusive politicamente muito mais complexo do que aquilo que se divulgou sobre Flusser até hoje. Há uma pesquisa que ainda está para ser feita, por exemplo, sobre os cursos que ele ministrava aqui em São Paulo. Todas as aulas eram datilografadas e cuidadosamente preservadas. São todos ainda inéditos. Isso é um material incrível, mas sua volumosa correspondência com todo mundo, incluindo a correspondência com Harry Pross, é o que traz mais surpresas.

Tudo isso é uma preciosa contribuição para a constituição de uma ciência brasileira da comunicação, um patrimônio da ciência brasileira. Embora nunca citasse ninguém, Flusser interagiu com os maiores pensadores europeus da comunicação: Harry Pross, Vicente Romano, Dietmar Kamper, Hans Belting, Abraham Moles, Lev Kopelev, Ivan Bystrina e muitos outros.

MATRIZES: Como o pensamento de Flusser dialoga com o tema da iconofagia? Ele escreveu muito sobre as imagens e as imagens técnicas. As pessoas estão consumindo imagens em larga escala, devorando imagens recicladas, repetidas e repisadas. Há com isso a geração de um detrito de imagens excrementais? Ou a inflação das imagens pode bloquear a visão do mundo?

NBJ: Aqui temos várias linhas cruzadas que produzem uma bela pluralidade de diálogos, praticando algo que para Flusser era muito caro, a construção de intersubjetividade.

Publiquei em 2007 na Alemanha um dos volumes das *International Flusser Lectures* com o título de *Flussers Völlerei* (A gula de Flusser). Apresento ali elementos do pensamento antropofágico brasileiro em alguns conceitos flusserianos. E ele próprio escreveu em um artigo sobre filosofia brasileira, nos anos 1970, que Oswald de Andrade foi o maior filósofo brasileiro de todos os tempos.

A questão das “imagens excrementais” ele tocou indiretamente. Em seu conceito do terceiro reino: ao lado dos reinos da natureza e do reino da cultura surge o reino do lixo. Aqui está implícita a ideia de que a humanidade está produzindo, além do lixo material, também lixo imaterial, lixo das não coisas. Esse é um tema muito importante que o aproxima das reflexões de Dietmar Kamper. E a questão do bloqueio do mundo pelas imagens, Flusser menciona em alguns ensaios a ideia de que imagens podem se tornar biombos ao invés de janelas, elas podem esconder ao invés de mostrar o mundo.

MATRIZES: Em continuidade aos temas de devoração e detritos, vemos que você recentemente lançou o livro: *A fotografia e o verme* (2021). Tem aí uma inspiração flusseriana?

NBJ: Sem dúvida, o texto foi publicado originalmente em alemão e inglês no catálogo da exposição *Something Other Than Photography* (2013), do museu alemão Edith-Russ-Haus für Medienkunst, organizado por Claudia Giannetti. Ao receber o convite para publicá-lo no Brasil, propus fazê-lo juntamente com doze artistas da fotografia, em um diálogo do texto com as fotos. Ampliei e atualizei o texto, acrescentando um post scriptum sobre o verme e o vírus. Trata-se do desenvolvimento de uma metáfora usada por Flusser, que compara a sanha devoradora do humano com os vermes. O tema da devoração (e da iconofagia) é central para o verme (e para o humano). O tema dos detritos e da produção de lixo aparecem igualmente aí.

MATRIZES: Vamos falar um pouco de sua escrita. Seu texto cuida muito bem da palavra, busca etimologias, mantém o rigor e a profundidade dos conceitos, mas também nos parece ser um tanto imagético e poético. Poderia nos contar um pouco também sobre essa forma de tratar a sua escrita acadêmica?

NBJ: Uma palavra é uma imagem. As escrituras sagradas dizem “Cristo é imagem e palavra. Imagens e palavras são uma coisa só; as duas foram crucificadas”. Quem citou isso foi o dadaísta-chefe de Zurique, Hugo Ball. Respondendo diretamente à sua questão, Vilém Flusser foi um dos primeiros a dizer que a palavra nasceu da imagem, que ela é imagem rasgada em tiras para construir uma linha. Em um certo sentido, ele mostra uma continuidade de ambientes: a palavra é mais ideogramática no Oriente, mais imagem, e é mais abstrata no Oriente Médio, onde nasceu a escrita

alfabética, e no Egito, onde ela representa um som, mas a palavra representa o som que também é imagem, e a imagem é acústica, é imagem do sopro.

Então, nesse sentido, cuidar da palavra como uma imagem significa não banalizá-la, porque ela tem uma história, tem uma densidade de camadas imagéticas, e por isso o recurso da etimologia acaba sendo importante. Busco uma escrita estética e imagética, mas que não seja cifrada e impenetrável. A palavra deve seduzir por ser imagem e sopro ao mesmo tempo. Dois de meus livros recentes, *O pensamento sentado* (2012) e *Existências penduradas* (2019), são escritos intencionalmente para jovens leitores, com capítulos ou segmentos breves e diversificados, para leitores acostumados a ler pequenos textos em pequenas telas. Tentei praticar uma miniaturização do texto, sem abrir mão da profundidade e da poesia.

MATRIZES: A densidade do texto e a profundidade dos conceitos não exigem uma maior participação do leitor?

NBJ: Um maior envolvimento, sem dúvida. Por isso é que devemos adicionar à escrita camadas imagéticas e sonoridades. Esse tipo de escrita foi também praticado por Dietmar Kamper. Um colega indicou a seus alunos de graduação a leitura de *Estrutura temporal das imagens* (2002), com a instrução: “Não adianta ler o texto de Kamper uma vez, tem que ler vinte vezes, uma vez aqui, outra vez você lê para seu cachorro, outra vez você lê para o espelho, outra vez você lê na praia, outra vez embaixo da cama etc.” Na aula seguinte, uma aluna trouxe o resultado: “Professor, eu li o texto e não entendi nada, vinte vezes, e não entendi nada, continuei lendo e de repente comecei a chorar”. Kamper não é para ser lido com a cabeça, é para ser lido com o corpo.

MATRIZES: Os temas da ecologia das imagens e da cultura como ecossistema têm sido cada vez mais presentes em seus cursos e palestras. Já pensou em uma ecologia cultural ameríndia, em um diálogo com Viveiros de Castro?

NBJ: Tenho muito interesse na questão de um ecossistema cultural ameríndio, tal como o apresenta Viveiros de Castro. Uma ecologia da cultura deve pensar e tentar entender a diversidade cultural como patrimônio humano a ser preservado. Nesse sentido, tenho estudado também o pensador japonês Tetsuro Watsuji (2017), que fala de uma antropologia da paisagem. Tetsuro nos apresenta três grandes ambientalidades que geram três grandes ecossistemas culturais ou padrões de cultura: a ambientalidade monçônica, a ambientalidade desértica e a ambientalidade pastoril.

Na ambientalidade monçônica, o homem é parte da natureza; na ambientalidade desértica, o homem luta contra a natureza ou a natureza combate o homem e ele tem que lutar para sobreviver; e na ambientalidade pastoril,

o homem se alia com a previsibilidade da natureza. Cada ambientalidade cria divindades de um tipo específico e direciona a ação humana de uma maneira distinta. Sua obra, chamada *FuDo* (terra e vento), escrita em 1929, oferece temas instigantes para a compreensão de uma ecologia da cultura.

Ao final, por sugestão do professor Norval, incluímos entre as referências citadas uma das obras de Harry Pross (1989), que foi publicada em espanhol, a versão também em espanhol do livro de Tetsuro Watsuji (2016) e um dos livros de Dietmar Kamper (2016) disponível em português. ■

REFERÊNCIAS

- Baitello, N. (2007). *Flussers Völlerei: wie der der nulldimensionale Raum die anderen Dimensionen verschlingen kann: über die Verschlingung der Natur, die Treppe der Abstraktion, die Auflösung des Willens und die Weiblichkeit*. Verlag der Buchhandlung Walther König.
- Baitello, N. (2008). *La era de la iconofagia*. ArCiBel Editores.
- Baitello, N. (2012). *O pensamento sentado: Sobre glúteos, cadeiras e imagens*. Editora Unisinos.
- Baitello, N. (2014). *A era da iconofagia: Reflexões sobre imagem, mídia e cultura*. Paulus.
- Baitello, N. (2019). *Existências penduradas: Selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens*. Editora Unisinos.
- Baitello, N. (2021). *A fotografia e o verme*. Fotô Editorial.
- Flusser, V. (2018). *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma filosofia da fotografia*. É Realizações.
- Giannetti, C. (Org.). (2013). *Something other than photography*. Edith-Russ-Haus für Medienkunst.
- Heise, C. G. (2005). *Persönliche Erinnerungen an Aby Warburg*. Harrassowitz.
- Kemper, D. (2002). Estrutura temporal das imagens. *CISC*. <https://bit.ly/3R18rZS>
- Kemper, D. (2016). *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas....* Paulus.
- Lescourret, M.-A. (2015). *Aby Warburg ou la tentation du regard*. Hazan.
- Pross, H. (1989). *La violencia de los símbolos sociales*. Anthropos.
- Raulff, U. (2018). *Farewell to the horse: A cultural history*. Liveright.
- Watsuji, T. (2016). *Antropología del paisaje: climas, culturas y religiones*. Sígueme.
- Watsuji, T. (2017). *Fudo: Wind und Erde – Der Zusammenhang zwischen Klima und Kultur*. Matthes & Seitz.

Artigo recebido em 14 de agosto de 2022 e aprovado em 22 de agosto de 2022.